

Apresentação

Arlene Renk*

Ler os Cadernos Ceom 49 é um passeio no Jardim [Terreno] das Delícias de Hieronymus Bosch, imaginando que reservou um espaço aos prazeres da vida intelectual sem culpa. Incluso nele, no século XVI, propiciaria a nós o prazer, o conhecer, de pesquisar e publicar sem prazos, os quais ainda não governados pela pressão dos tiranos que metrificam a publicação. O aceno de Bosch foi pouco lembrado porque, à época, os teólogos estavam ocupados com outras questões, tais como se os habitantes do novo continente tinham alma ou não... E assim por diante. Então, voltemos ao nosso jardim.

Ler o conjunto de textos que será disponibilizado ao público oficialmente após a materialização deste periódico é um privilégio. Apresentar os Cadernos Ceom é uma dádiva redobrada; mas, revestida de responsabilidade porque, por maior que seja o esforço, é permeada involuntariamente pela visão míope da formação. Assumindo essa condição e na qualidade de companheira de viagem, aqui estou.

Os textos, tirando o primeiro, no qual tenho a digital, são amarrados pela perspectiva de deslocamento espacial, uma questão crucial que acompanha e persegue os povos e grupos. Coletores, caçadores, sedentários, navegadores, conquistadores, formadores de impérios acionam lemas que justificam e implantam colonizações à revelia dos estabelecidos, fazendo tábula rasa desses, quando não os eliminam fisicamente. Em outros momentos, a sanha voraz por terra leva a constituir os latifúndios. O invariante reside na entrada da casa do outro sem pedir licença para expropriação. Imagine um quadro, de autoria de uma grande celebridade artística, no qual um colonizador e seu séquito, com as vênias, pedem licença, para a

usurpação das riquezas e tomadas de suas terras, em nome de seu rei? Não, não pedem. Declaram em nome de um rei que está no trono, do outro lado dos mares, e declara em nome rei, abençoado por Deus, a tomada de posse dos teres, haveres, homens e mulheres, em uma língua ininteligível. E essa grande pintura pode ser imagetivamente representada na Primeira Missa em Victor Meirelles. Registrar pictoriamente a conquista, tal qual o registro da batalha, não foi necessário, nem provável. Foi reproduzido toscamente nas apropriações secundárias, porque sempre houve alguém que julgou possuir o direito de adentrar em terras de minorias, transformados em “Outros”. O sinal de mais (+) para alguns representou a subtração (-) para outros. Dizem que a aritmética é exata. E as resistências foram muitas, mas ainda mal contadas.

No entanto, no século XXI, com rajadas de globalização, ora deslocamentos individuais, ora levas de imigrantes, não em busca de terra, mas de trabalho, de teto, de refúgio. Batem à porta dos supostos países humanitários, fraternos. E o que se vê com cenas de deportação, cenas de salvamento de naufrágio, campos de refugiado? O que muitos leem como uma nova barbárie e restringem a franquia àqueles que outrora entraram sem pedir licença? “Não recebemos visitas sem hora marcada!”

As paisagens de deslocamentos mudaram historicamente. Em alguns momentos, era possível haver formas hegemônicas de deslocamento, como as grandes levas de e/imigração que estruturalmente no século XIX deixaram o Velho Mundo e vieram “fazer Mérica”. Também do Oriente Médio, tivemos contingentes populacionais, como trata o texto **Ascensão social e mobilidade espacial de sírios e libaneses em Porto Alegre (1890-1949)**, de Julio Bittencout Francisco, enfocando a imigração de

* Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Unochapecó. E-mail: <arlene@unochapeco.edu.br>.

sírio e libaneses, de suas estratégias econômicas, dos deslocamentos espaciais pelos diversos bairros, das disputas internas no grupo, da ascensão pela educação como estratégia de reconversão utilizada pelo grupo. É uma oportunidade para aprender acerca desses grupos, entender alguns elementos dos conflitos do Oriente Médio na contemporaneidade.

Quanto aos descendentes de alemães e italianos vindos do velho continente, estabelecidos no Rio Grande do Sul, que passou a nominar-se por “colônias velhas”, estabelecidos, repetiram o processo: a ocupação de grupos chamados para civilizar as áreas de matas, em processo de colonização. Depois, repetidas décadas depois, em processos internos no território nacional, fenômeno que o geógrafo francês Jean Roche (1969) chama de “enxamagem”. Nesse caso, adentram em Santa Catarina, na área que veio a chamar-se município de Maravilha. Esse foi objeto do estudo de Vitor Marcelo Vieira, intitulado **Atuação das Associações Escolares Notre Dame no contexto da colonização em Maravilha/SC (1954-1976)**. É um estudo com vasta análise documental, reconstruindo historicamente o panorama da época.

Geograficamente centremo-nos ao norte, à Amazônia, ao artigo de Francivaldo José da Conceição Mendes, César Martins de Souza, José Queiroz de Miranda Neto, intitulado **Memórias de migração na Amazônia: um estudo a partir das narrativas orais dos sujeitos no território da Transxingu**. Os autores abordam a migração ao norte do país, que ocorreu a partir da década de 1970, quando contingentes populacionais buscaram o território da Transxingu, área entre o rio Xingu e a rodovia Transamazônica.

No século XXI, enfrentamos um novo processo dos filhos dos netos daqueles imigrantes europeus retornando às terras ancestrais, em busca de trabalho. O que nos move, senão o trabalho? E fazem o caminho inverso. Mas há o retorno. Esse é o tema abordado por João Carlos Tedesco. **Crise econômica e espaços de origem ressignificados: rearranjos de imigrantes brasileiros retornados da Itália**. Como a Pátria mãe gentil acolhe seus filhos e quais as estratégias destes na reinserção são alguns dos aspectos abordados.

Em termos de geopolítica, há processos coloniais internos de fixação para vigilância das fronteiras do Estado, para salvaguarda de seus territórios, para impedir a entrada dos indesejados. A entrada não é livre. Não foi e não é. No século XXI, nos Estados nacionais, infelizmente, o oficial Drogo de **O deserto dos tártaros**, encontra não os imaginários tártaros invadindo seu território, mas os “indesejados” imigrantes a entrar. A vigilância é necessária. Ontem, a invasão dos tártaros; hoje dos imigrantes. A fronteira é necessária. Muitos Drogos estão vigilantes nos postos e fora dos postos espalhando fobias.

Em contexto de globalização o artigo **O discurso da insegurança: os imigrantes perigosos – uma etnografia no Bairro Veronetta (Verona, Itália, 2015-2016)**, de autoria de Fabiane Cristina Albuquerque, apresenta uma etnografia a partir de imigrantes do bairro Veronetta, em Verona, quando se constituem ou são constituídos na categoria de “Outros” e sobre os quais recaem uma gama de estereótipos, a autora procura entender se os imigrantes incorporavam ou não a representação dominante sobre eles ligadas a problemas de segurança, ameaça à ordem, invasores, “roubo” dos postos de trabalho.

O trabalho de Jeferson dos Santos Mendes, **As tropas de ordenança na Ilha de Santa Catarina durante os setecentos**, aborda, a partir de relatos as tropas de ordenança, as dificuldades do corpo militar da ilha e suas funções estratégias no século XVIII.

As práticas espacializantes são analisadas por Aline dos Santos Portilho, no artigo **O Museu de Favela e a produção do espaço no Pavão-Pavãozinho e Cantagalo (Rio de Janeiro/RJ)**, apresentando reflexões desenvolvidas por sujeitos mobilizados em torno do Museu de Favela (MUF). Tomou como fontes para a análise as representações instituídas no livro “Circuito das Casas-Tela, caminhos de vida no Museu de Favela” (2012). Trabalhou com conceitos como espaço, comunidades imaginadas, problematizando e desencadeando práticas que os sujeitos fazem a respeito daquele lugar.

Práticas de “racialização” observadas em narrativas de camponeses que se deslocaram na década de 1950 a cidade de Sobral – Ceará, de Maria Antonia Veiga Adriaio. A autoria analisa as práticas de “racialização” observadas em narrativas de migrantes camponeses moradores da região “Sertão Centro Norte Cearense” que em grande medida teve como destino a cidade de Sobral, também situada nessa região. Seu trabalho ajudou a compreender como os entrevistados colocaram em prática seu aprendizado geracional para justificarem suas escolhas na convivência social nessa cidade.

Por última, a digital, do texto inicial, **A formação socioeconômica da região Oeste de Santa Catarina – uma narrativa acerca de franjas e retalhos da identidade regional**, escrito em parceria com Silvana Winckler, como o título

aborda, é uma perspectiva narrativa de formação socioeconômica da região, procurando recuperar elementos da economia substantiva, inspiradas em Karl Polanyi. Não basta apenas apresentar os indicadores econômicos da região, mas levantar o que perdemos nas formas de produzir.

À leitura,
Abraço.

Referências

BUZZATTI, Dino. **O deserto dos tártaros**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROCHE, Jean. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.